

Origem do negacionismo climático e possíveis saídas¹

Claudio de Moraes²

O negacionismo da ciência representa uma grande ameaça à sociedade contemporânea. Soluções sem embasamento em análise de dados e rigor metodológico podem parecer caminhos fáceis, mas frequentemente resultam em consequências desastrosas. Nesse contexto, o negacionismo da crise climática impede a adoção de ações eficazes para enfrentar um dos maiores desafios da humanidade, cuja gravidade tende a se aprofundar nos próximos anos. Por isso, **é essencial compreender as razões do negacionismo climático, suas consequências e as possíveis formas de mitigação.**

O **negacionismo climático pode assumir diferentes formas**: desde a rejeição explícita das evidências científicas até formas mais sutis de **inação e resistência a mudanças estruturais necessárias**. Para entender esse fenômeno, é útil analisá-lo como um processo psicológico e social semelhante às fases do luto descritas por Elisabeth Kübler-Ross: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Essas etapas refletem a maneira como as pessoas lidam não apenas com a perda de entes queridos, mas também com situações que exigem mudanças drásticas, como a perda de emprego, dificuldades financeiras ou até mesmo a mudança para outra cidade ou país.

Sem dúvida, a crise climática se apresenta para todos nós como um luto pela forma de vida que conhecíamos até então. No entanto, diferentemente do luto individual, enfrentar a mudança climática exige não apenas a aceitação da realidade, mas também uma transformação de consciência e atitude. Para além do reconhecimento do problema, são necessárias ações concretas que promovam mudanças estruturais nas cidades e um aprofundamento de práticas corporativas mais responsáveis e sustentáveis. Em resumo, é necessário um novo pensamento econômico, como defendi em artigo publicado neste espaço em agosto de 2023.

As fases do luto pela forma de vida que conhecíamos manifestam-se de diversas maneiras no ambiente corporativo. A negação ocorre quando CEOs e empresas recusam-se a reconhecer a crise ambiental e resistem à adoção de medidas sustentáveis. A raiva surge quando políticas ambientais e regulatórias são percebidas como ameaças aos modelos de negócios estabelecidos, gerando resistência e confronto. A barganha se expressa na tentativa de justificar ou minimizar a necessidade de mudanças, muitas vezes por meio de estratégias como o greenwashing, que simulam compromisso ambiental sem mudanças estruturais reais. A depressão reflete o reconhecimento da gravidade do problema, acompanhado da sensação de impotência

¹ Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/empresas/esg/artigo/origem-do-negacionismo-climatico-e-possiveis-saidas.ghtml>

Acessado em 24.03.2025

² Professor e pesquisador do Coppead, especialista em Banking, com artigos publicados em diversos periódicos internacionais. Atua no Banco Central do Brasil na área de estabilidade financeira, com experiência em regulação e supervisão bancária.

diante da falta de soluções imediatas ou da magnitude do desafio. Por fim, a aceitação ocorre quando há um entendimento claro da crise e um compromisso genuíno com a adoção de práticas sustentáveis, impulsionando transformações concretas no comportamento individual, corporativo e social.

Para entender melhor os impactos do negacionismo climático, é fundamental analisar como ele se manifesta no setor empresarial. Pesquisas recentes, como o estudo *Climate Change Denial and Corporate Environmental Responsibility* (Mansoor Afzali, Golul Colak & Sami Vähämaa, 2023), demonstram que empresas situadas em regiões onde a negação da mudança climática é mais forte tendem a apresentar piores indicadores ambientais, mais violações regulatórias e custos ambientais elevados.

No contexto do projeto *Sustainable Development and Corporate Governance of Financial Institutions*, liderado pelo professor *Sami Vähämaa*, da *Universidade de Vaasa (Finlândia)*, no qual colaborarei ao longo de 2025, são investigados os **mecanismos de governança corporativa e seu impacto no desempenho social e ambiental dos bancos**. O projeto tem como um dos objetivos principais examinar o papel da transparência na divulgação ambiental e a implementação de iniciativas de desenvolvimento sustentável no setor bancário.

A transparência socioambiental e a sustentabilidade bancária — temas que venho estudando e sobre os quais já publiquei artigos, disponíveis em meu site — desempenham um papel fundamental no combate ao negacionismo. A superação do negacionismo climático exige um despertar da consciência, acompanhado de ações concretas. A divulgação de compromissos ambientais, alinhada a métricas comparáveis, permite que investidores, reguladores e consumidores avaliem com maior precisão o comprometimento ambiental de empresas e bancos. Além de mitigar riscos reputacionais, as instituições que adotam práticas de transparência socioambiental contribuem para acelerar esse difícil processo de luto coletivo que a sociedade precisa enfrentar, avançando em direção a práticas mais sustentáveis e seguras diante da intensificação dos eventos extremos.

Embora a transparência seja uma ferramenta poderosa para gerar disciplina de mercado, ela não é suficiente por si só. Seu impacto depende da velocidade da coordenação dos agentes em avançarem para as demais fases do luto, pois, após a negação, surge a barganha, que muitas vezes se manifesta como greenwashing. Empresas adotam discursos sustentáveis, mas nem sempre suas práticas são autênticas. No entanto, esse problema pode ser desmascarado e mitigado por meio do monitoramento contínuo dos stakeholders e de pesquisas sobre o tema, áreas às quais tenho me dedicado recentemente.

Precisamos atravessar todas as fases do luto de forma acelerada. Reguladores, investidores e a sociedade como um todo devem exigir mais transparência e responsabilidade, garantindo que a sustentabilidade seja mais do que um discurso, mas um compromisso real com o futuro. Além da transparência, será necessário um conjunto de estratégias complementares, como políticas públicas eficazes, incentivos econômicos à transição verde e investimentos em educação climática. Somente assim podemos garantir que a sustentabilidade não seja apenas um ideal, mas uma realidade concreta e duradoura.